

J O S E P H  
B E U Y S  
C O N T R A A  
N A T U R E Z A

emanuel

dimas

de

melo

pimenta

1

9

9

6

publicado em

**RISK Arte Oggi**

Milão, Itália, 1996

Joseph Beuys - Contra a Natureza

Emanuel Dimas de Melo Pimenta

**título: JOSEPH BEUYS - CONTRA A NATUREZA**

**autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta**

**ano: 1996**

**Arte, estética**

**editor: ASA Art and Technology UK Limited**

© Emanuel Dimas de Melo Pimenta

© ASA Art and Technology

**[www.asa-art.com](http://www.asa-art.com)**

**[www.emanuelpimenta.net](http://www.emanuelpimenta.net)**

*Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte desta publicação poderá ser utilizada com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por quaisquer meios, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia por escrito do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do autor deverá ser sempre incluído.*

Não há como não resgatar a palavra *religião* quando pensamos em Joseph Beuys.

Do antigo latim *religare* – que significava *ligar novamente*, ou *resgatar a nossa identidade à natureza enquanto processo* – passou a *relegere*, que significa *ler e reler*, continuamente.

Enquanto que o primeiro significado prometia, num certo sentido, uma ruptura total com a cultura no retorno à Natureza, o segundo significado reforça o sentido de *cultura*.

Freud mostrava que *cultura* nada mais era que um recurso social para a defesa contra a própria Natureza. Isto é: caso não existisse aquilo a que chamamos *cultura*, nos seus mais vastos sentidos, seria legítimo atacarmos sexualmente uma pessoa sem que isso significasse qualquer atentado ao pudor, ao direito, à moral ou a quaisquer outras coisas que compõe aquele nosso instrumento de defesa.

O crime não é algo possível na Natureza.

Mas, por outro lado, se não dispuséssemos de algum eficaz instrumento de crítica à cultura, viveríamos presos numa terrível e estática estrutura burocrática, a todos os níveis.

Esse é o papel da *arte* – crítica da cultura. A arte é o que mantém a cultura em contínua mudança. Por isso, pensamentos e governos ditatoriais não suportam arte.

Por isso, *a priori*, não existe arte engajada, ou arte política. Quando tal acontece a obra de arte desaparece e passa ao universo da cultura.

Assim, toda a arte é, essencialmente, *contracultural*.

A obra de arte pode servir como ilustração para um facto político, pode ainda ser o gerador e o estopim de uma revolução – que, aliás, parece ser o que geralmente acontece – mas, nunca algo *a posteriori*.

A religião, na ainda inevitável função de elaboração de um deus ou de diferentes deuses, promove uma espécie de justificação à cultura acerca das *não explicações*, ou das *não linearidades*, apresentadas pela Natureza. Não por outro motivo, o seu sentido não pode ser encontrado em apenas uma raiz etimológica, mas em duas: *religare* e *relegere*.

Ao contrário do que geralmente se acredita, Beuys parece nunca ter sido, de facto, um artista conceptual no seu sentido convencional.

A arte conceptual opera sempre um universo articulado por símbolos. A estrela de seis pontas, a cruz, os espinhos e o sangue, sete velas, a foice e o martelo, São Jorge, a língua dos *Rolling Stones*, o rosto – mas nunca o corpo – de Marilyn Monroe e assim por diante.

Quando Joseph Beuys derramava óleo sobre pedra, não era propriamente a pedra ou o óleo que eram importantes, nem o seu desenho, a sua disposição ou o seu tamanho – era a *energia* que estava ali.

Um exercício *ad infinitum* que passa pelo coite, pelo mel, por rolos de filme sobre mesas, por lutas de box, bombas pneumáticas, concreto, madeira, feltro, bicicleta.

Para Joseph Beuys cada pessoa – e também cada coisa – operava *energia*, acção.

Não é exactamente a *estética* que importa – isto é, não se trata exactamente dos nossos sentidos, mas de algo que estaria para *além* deles!

A forma, a luz, o paladar, a textura e a cor nada mais seriam que índices de uma *energia*, de um trabalho, de algo para além dos nossos sentidos.

E por *energia*, Beuys significava exactamente isso: *energia*. Não especificamente a *energia física*, mas o trabalho, a atenção, o respeito.

Aí, na abstracção dessa ideia, Joseph Beuys se aproxima do *conceptual*. Mas, a sua obra foi para muito além de tudo aquilo a que poderíamos nomear como *símbolos*!

Ele trabalhava o vinho, o azeite, a pedra e o ar. Para ele não era a *ideia* de fazer que importava, mas sim o próprio *fazer*. Eram *índices* e não *símbolos* os seus elementos primeiros!

Quando Van Gogh, Leonardo da Vinci ou Pablo Picasso furiosamente feriam a tela com os seus traços vibrantes, eles ultrapassavam a cultura do seu tempo e imprimiam uma certa *energia* na imagem. Uma energia semelhante à do homem do campo que cultiva a vinha, que faz o pão.

A mesma *energia* que há em John Cage, em Vico, em René Berger ou em Kurt Gödel. Uma energia do *fazer*, da acção, que pode estar em Emanuel Kant ou em Confúcio, em John Wheeler ou em Claude Debussy, em Cannonball Adderley ou em Jesus Raphael Sotito.

Era essa espécie de *energia* alquímica o mais importante para Beuys, desenhar o invisível, o intocável, o intangível, aquilo que parecia ser a base de tudo, de todo e qualquer fazer!

Alquimia!

Chopin contava uma história segundo a qual saíam do seu piano, quando tocava, pequenos *demónios*. Eram aquela informação intangível, caótica, que nos diz que é Heifetz, Busoni ou Eric Dolphy quem toca o instrumento.

Imediatamente *viajamos* a 1943 quando Joseph Beuys, soldado, tem o seu avião *Stuka* abatido pelos Soviéticos. Caiu bem no meio de uma tempestade de neve. Quase sem vida foi coberto com gordura e feltro pelos habitantes locais. Foi o que lhe salvou e o que mudou o curso da sua vida.

Gordura e feltro: dois acumuladores energéticos.

Logo depois, em 1944, ainda como soldado alemão, é feito prisioneiro pelos Ingleses.

Mas, essa é outra história.

Ao contrário de Marcel Duchamp, que trabalhava tudo através de símbolos, subvertendo a cultura através da intensificação da própria cultura, Joseph Beuys mergulhou profundamente na Natureza – da forma mais nua e crua possível.

Mergulhou na ideia da origem.

Ideia sem ideia. Raiz.

Não na Natureza das paradisíacas florestas, rios e mares – imagens produzidas por diferentes culturas – mas, sim a Natureza de nós mesmos, do nosso dia a dia, da mão que talha, da boca que fala e que beija, que come, de braços e pernas músculos.

Assim, Joseph Beuys é profundamente *ecológico*, mas – certamente para horror de muitos ecologistas de matiz reaccionário – a sua atenção não estava no planeta verde, na nostálgica volta ao campo. Estava na Natureza que está em todo o lugar, no cigarro aceso que vira fumaça no ar, na fermentação, na mão que treme e que espalha a tinta.

Essa *energia* – meio ideia, meio acção – é a essência fundamental da arte para Joseph Beuys.

Isto é: o resgate de um elemento radical da Natureza revela a subversão dos caminhos da *cultura*.

Nesse sentido, Beuys era um *religioso*.

Nele, estão sempre presentes o *religare* e o *relegere*.

Mas, a sua obra – por vezes pouco compreendida dada sua intensa imaterialidade – é antes de tudo uma arte virtual, potencial. Uma obra que não encontra eco no pensamento literário e material do século XIX, tipicamente simbólico.



Quem pensa que Joseph Beuys opera privilegiadamente símbolos, nunca compreendeu verdadeiramente a sua arte.

É uma luta contra a Natureza que emerge da luta pela Natureza.